

J. M. SANTOS SIMÕES

# BREVES NOTAS

SOBRE ALGUNS AZULEJOS

DE

## BARCELOS

EDIÇÃO DO  
GRUPO ALCAIDES DE FARIA  
(Agregado à Associação dos Arqueólogos Portugueses)



3)  
88.8(469.12)(04)  
IM



## Breves notas sobre alguns azulejos de Barcelos

**E**RA meu sincero desejo corresponder ao amável e honroso convite de colaboração no «Boletim do Grupo Alcaides de Faria» com trabalho de maior vulto e importância do que estas *breves notas*; não mo permitem, infelizmente, o pouco tempo de que disponho nem mo consentem os meus minguados conhecimentos... Que a boa-vontade possa suprir o que a ciência limita.

É vulgar topar-se com a afirmação de que no Norte de Portugal não há azulejos ou que a decoração cerâmica não teve ali a aceitação que mereceu a Sul do Mondego. O mais formal desmentido a tal asserção poderia ser dado em qualquer das cidades e vilas da Beira ou do Minho, desde a própria Coimbra, Aveiro ou Viseu, até ao Porto, Guimarães, Braga, Barcelos ou Viana! Por toda a parte o azulejo mereceu o mesmo favor na arquitectura portuguesa e em todo o País encontramos bastantes e valiosos exemplos com que nos abonar. Se nalgumas terras ou regiões existem azulejos em maior abundância do que noutras não é porque houvesse aí preferência especial; razões de vária ordem podem ter determinado maior número de encomendas mas nenhuma me parece específica para explicar predilecção. Nem a distância de Lisboa — centro produtor por excelência — evitou que os seus azulejos chegassem simultaneamente a Chaves e a Faro, a Viana ou à Baía, nem os architectos do calcáreo ou do granito dispensaram esse complemento sumptuário com o qual davam acabamento e enriqueciam as suas obras, onde quer que as fizessem.

Barcelos teve a sua parte na «inundação» azulejar dos séculos xvii e xviii e pode emparceirar com as cidades que guardam as mais belas e representativas composições de cerâmica decorativa de Portugal. Se, alargando o âmbito geográfico, juntarmos à «Dona do Cávado» o antigo

cenóbio de Vilar de Frades, temos notabilíssimo núcleo a fazer inveja aos de Évora ou Santarém . . .

Em curtas visitas a Barcelos e seu termo tive ocasião de verificar a existência dos azulejos já referidos na bibliografia geral e monográfica e a surpresa de encontrar entre eles alguns exemplares que pela sua qualidade artística ou interesse arqueológico bem merecem referência especial. Não me foi possível aprofundar o estudo desses azulejos com as necessárias buscas documentais mas a análise objectiva revelou-me o bastante para os poder colocar no tempo e no espaço, enquadrando-os na órbita evolutiva e dando-lhe o lugar que merecem.

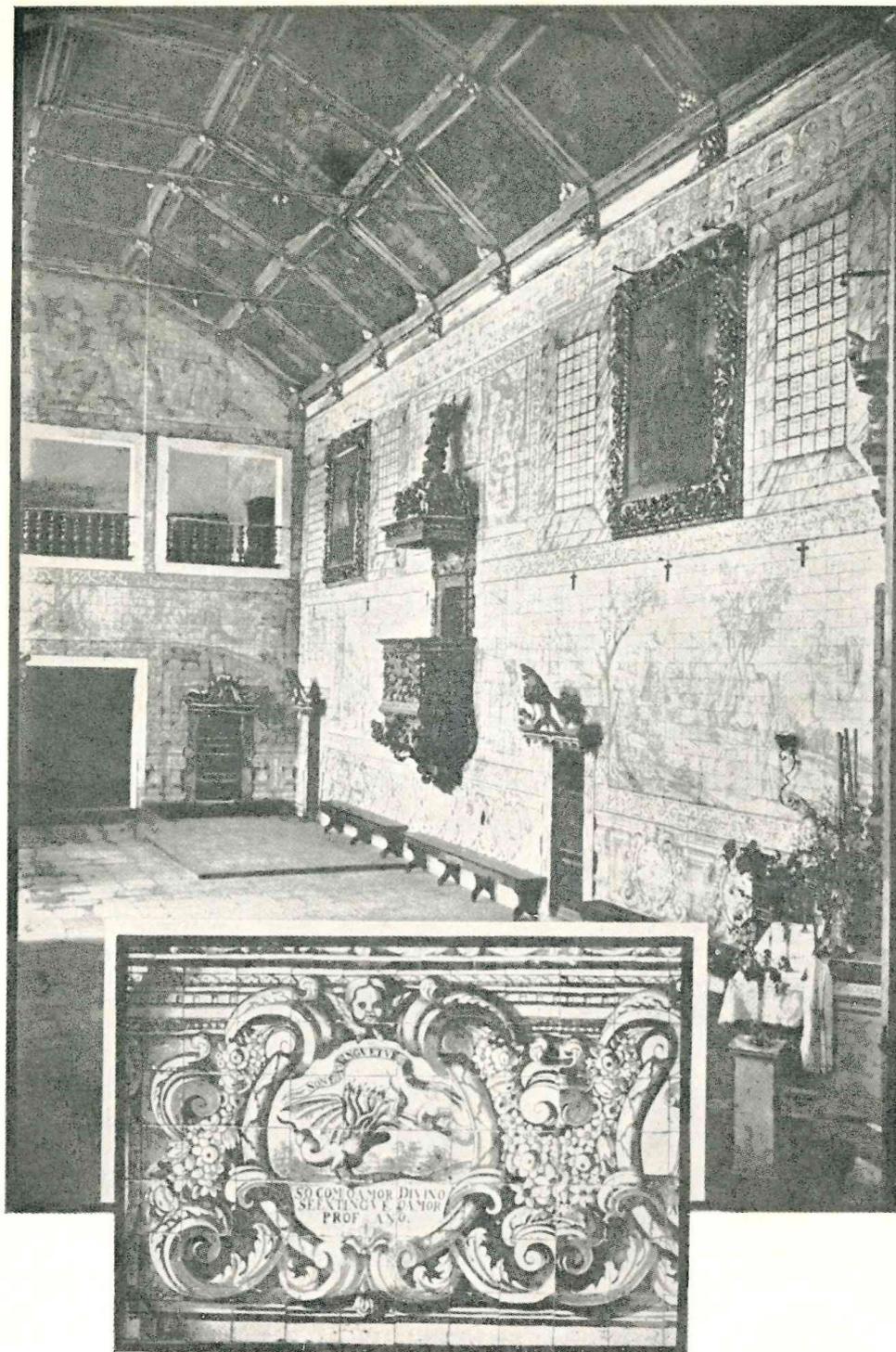
Já não tive ocasião de ver os azulejos da Capelinha de N.<sup>a</sup> Senhora, à entrada da ponte, os quais, segundo informação, foram arrancados não há muito tempo, a título de «restauração» do pequeno templo. Seria útil traçar-lhes o paradeiro a fim de registar o tipo e época para um inventário mais completo e aqui fica o apelo a quem possa fornecer indicações.

Na IGREJA MATRIZ ( Colegiada ) conservam-se paramentos cerâmicos nas paredes laterais das naves e forrando os tímpanos dos arcos que as dividem. São painéis de pintura azul e figuração vulgar da iconografia Mariana a que atribuo, sem receio, data próxima de 1740 e fabricação lisboeta, talvez de alguma das oficinas do Mocambo. Não são exemplares de grande notabilidade, antes correspondem aos tipos mais vulgares dos meados do século XVIII, época a que chamo da «grande produção» e que, dada a abundância, se tornaram banais.

Da mesma época — pouco anteriores — são os que adornam o interior da IGREJA DO SENHOR DA CRUZ, esse tão notável exemplar de barroco nortenho. Notabilizam-nos, principalmente, a forma como foram aplicados, numa preocupação decorativa que busca o perfeito casamento com a arquitectura. É um exemplo frisante de conjunto barroco, confundindo-se a cerâmica com a pedra em perfeita unidade estética. A um edifício de planta complexa, centrada e movimentada, correspondem ângulos e recantos onde o azulejo assentou com mestria. Já depois de terminadas as obras construtivas, foram encomendados em 1728 conforme consta da acta da confraria, de 18 de Maio desse ano, ao mestre João Neto, «na cid.<sup>e</sup> de Lx.» (\*).

---

(\*) Devo esta preciosa informação ao meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo e Director desta revista, Snr. Joaquim Paes de Villas-Bôas.



*Fig. 1* — INTERIOR DA IGREJA DO TERÇO



Vieram os azulejos para Barcelos em 1730 tendo sido colocados por conta do mesmo mestre.

Este João Neto era um dos mais famosos «azulejadores» de Lisboa, contratador ou empreiteiro de obras, e não pintor como seríamos inclinados a supor pelo documento. Para ele trabalharam alguns dos melhores artistas do tempo, entre eles Bartolomeu Antunes.

São os azulejos de pintura azul ilustrando passos da Via Sacra e emblemas da Paixão com enquadramentos de anjos e folhagens que aqui assumem especial importância decorativa. Na capela-mor há painéis de época moderna, assinados por Domingos Costa, artista que trabalhou numa fábrica de Gaia.

É porém na IGREJA DO TERÇO, antiga do Convento de Beneditinas, que se encontram os mais notáveis azulejos de Barcelos, referidos na bibliografia como dignos de atenção. Não foram estes azulejos tratados ainda com o desenvolvimento que merecem nem o serão agora pois para tal se necessitaria de mais tempo. Basta-me registrar-lhes a existência e chamar para eles a atenção de quem melhor do que eu os possa explorar; no entanto diga-se, desde já, que bastaria este núcleo para colocar em lugar de merecido destaque o grande templo que outras coisas possui que o recomendam, como, por exemplo o belo púlpito de talha e as pinturas do tecto.

Está a igreja totalmente forrada de azulejos, conservando-se quase na totalidade tal como a deixaram os azulejadores dos princípios do século XVIII. Nas paredes imensas do corpo da Igreja o revestimento comporta uma parte inferior — alisar — de 10 azulejos em altura, com medalhões figurados e legendados (Fig. 1) de bela composição. Acima do alisar estendem-se ao longo das paredes as grandes composições figuradas ilustrando passos da vida de São Bento, numa altura de 20 azulejos, incluindo a bordadura de folhagens. Acima destes, entre as janelas do lado da epístola e na parede fronteira, estão outros painéis, também figurados. Interessantes são as janelas fingidas, espelhando as do lado sul, e onde em azulejos de tonalidade amarela se procurou dar equilíbrio e simetria à decoração. Salvo estes, todos os restantes são de pintura azul sobre branco. Na parede do topo — abrigando o coro — continuam-se os painéis azulejados sendo particularmente notável o grande painel superior onde aparece S. Bento dando a Regra da Ordem.

Sobre o Arco Triunfal, em parte oculto pela armação de talha, está a data que tive a sorte de «descobrir» e que julgo inédita — 1713.

Na capela-mor distingo dois tipos de pintura azulejar: os revestimentos laterais em painéis figurados e a decoração que serve de enquadramento às portas, esta da mesma mão do artista que fez os azulejos do corpo da igreja, ou, pelo menos os do alisar.

Os painéis figurados da capela-mor são deveras notáveis, já porque nos mostram dois passos da história do convento — o lançamento da primeira pedra e a entrada das primeiras freiras — já porque neles se encontram as iniciais do pintor (Fig. 2).

A figuração desses painéis encontra-se explicada nas legendas que estão sobre cada uma das portas laterais, também pintadas em azulejo. A do lado do evangelho:

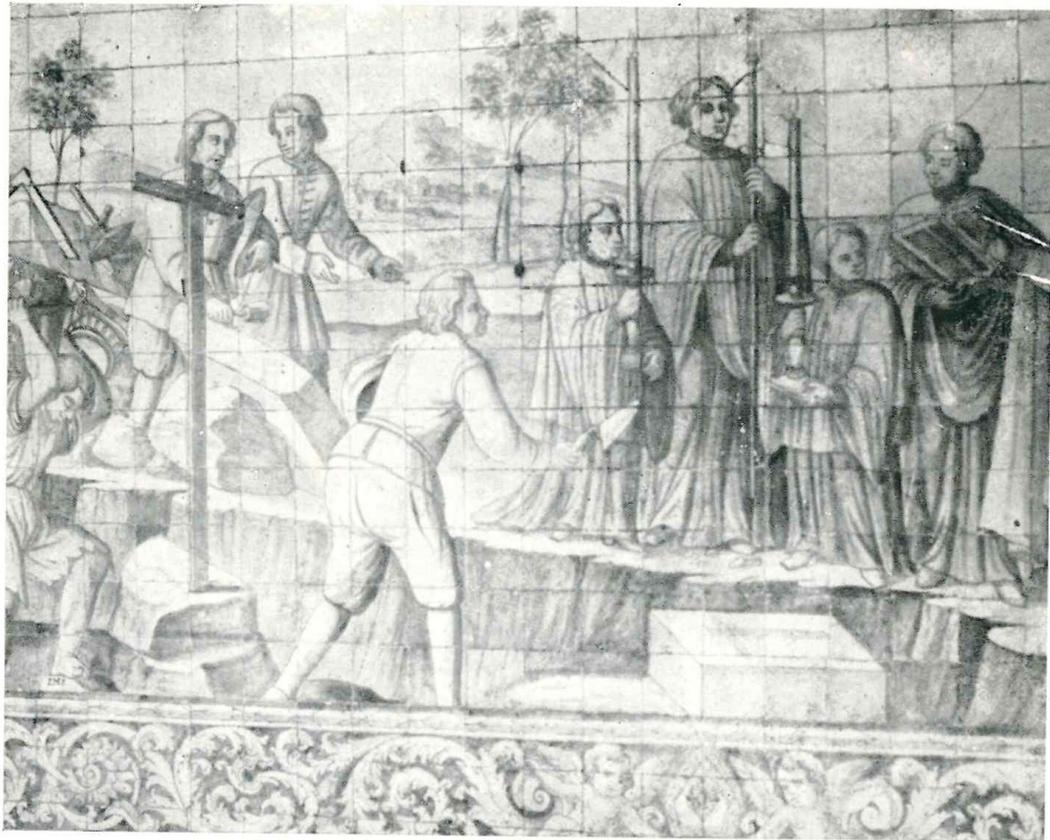
ANNO DNI MDCCVII DIE VERO  
XIV AVGVSTI D. RODERICVS  
DE MOVRA TELLES ARCHI-  
EPISCOPVS BRACHARENSIS  
HISPANIARVM PRIMAX  
HVIC EDIFICIVM PRIMVM  
INJECIT LAPIDEM.

do lado oposto:

ANNO DNI M.DCCXIII DIE VE-  
RO VIII IVLII IDEM D. RODE-  
RICVS DE MOVRA TELLES AR-  
CHIEPISCOPVS BRACHARENSIS HIS-  
PANIARVM PRIMAX MONIALES  
IN HOC A SE FVNDATVM CENOBIVM  
A BRACHARA TRANSTULIT ET RECLV-  
DIT.

Singelamente, portanto, se contem a história primeira deste Convento de Beneditinas, fundado pelo Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, Primaz das Espanhas, tendo a primeira pedra sido lançada em 14 de Agosto de 1707 e entrando as freiras, vindas de Braga, no dia 8 de Julho de 1713.

A data da inauguração condiz, como se vê, com a dos azulejos do corpo da Igreja, assinalada no fecho do arco triunfal; os painéis da



*Fig. 2* — IGREJA DO TERÇO — PORMENOR DO PAINEL DA CAPELA MOR



capela-mor e a decoração das sobre-portas legendadas são sem dúvida posteriores, se bem que de poucos anos.

Não tenho a mais leve dúvida quanto à autoria artística dos grandes painéis figurados que enriquecem o corpo da igreja. São de António de Oliveira Bernardes, o maior dos pintores ceramistas de Portugal. O seu estilo inconfundível, a sua técnica de pintura, o tipo de emolduramento que repetidas vezes utilizou, tudo enfim, incluindo a própria data de 1713, me dão a certeza da atribuição. Falta-lhe é certo a assinatura como prova irrefutável, — tanto mais de estranhar quando é certo que António de Oliveira Bernardes assinava normalmente os seus trabalhos —, mas esta mesma julgo ter existido inicialmente no local onde hoje está um altar lateral fazendo ângulo, junto ao arco triunfal.

António de Oliveira Bernardes foi o iniciador da grande pintura sobre azulejo, chefe de uma verdadeira «escola», pai de um dos mais representativos pintores de telas da sua época — Ignácio de Oliveira Bernardes — e de outro grande artista do azulejo, Policarpo de Oliveira Bernardes.

Já era pintor conhecido e conceituado — juiz da Irmandade de S. Lucas, em 1694 — quando se iniciou na difícil tarefa de pintar sobre barro e uma das primeiras obras do género que se lhe conhece — a da antiga capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Frielas — é anterior a 1700 (1). Em 1707 contratou a pintura do azulejo para Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição, da Luz ( junto a Lisboa ) conhecendo-se-lhe outros trabalhos, todos de enormes dimensões. Os principais — alguns dos quais assinados e datados, outros apenas datados e documentados ou simplesmente atribuíveis — são os seguintes:

Em 1711 — o revestimento assinado e datado da Igreja do Convento dos Loios, de Évora; 1712 — o da Igreja da Misericórdia de Estremoz, por mim atribuído; também de 1712 o azulejo que se guarda no Museu de Ponta Delgada, ostentando assinatura; de 1714 são os da sacristia e corredor da Igreja da Nazaré; de 1716 os maravilhosos painéis da Misericórdia de Évora. Sem data é o revestimento da capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Cabeça, também

---

(1) O revestimento da antiga e desaparecida capela foi adquirido pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Lino e colocado na sua Casa de Cascais, hoje propriedade do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manuel Espírito Santo Silva.

de Évora, o da capela de São Pedro de Rates, na Sé de Braga, os da Igreja do Convento de São Domingos de Benfica, os da capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> dos Remédios, de Peniche, etc., etc.

Os do Terço, de Barcelos, agora atribuídos pela primeira vez, estão perfeitamente dentro da melhor época do pintor, emparelhando em beleza e monumentalidade com os de Estremoz (antiga Misericórdia). António de Oliveira Bernardes veio a falecer, entrevado, em 1732, sendo a sua obra continuada pelos discípulos, o principal dos quais foi seu filho mais velho, Policarpo, cuja obra-prima se encontra na Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo.

Os painéis figurados da capela-mor estão firmados com as iniciais P. M. P. (Fig. 2).

Não me foi dado ainda encontrar o pintor que assim assinava os seus trabalhos nem me parece que tenha tido longa carreira. Discípulo, provavelmente, de António de Oliveira Bernardes — o que se reconhece pela técnica e estilo da pintura e pela época provável em que trabalhou — cerca de 1720 — este P. M. P. ou talvez só P. M. assina desta forma os azulejos de uma pequena capela em Setúbal, a do Corpo Santo (1). Não atingindo a craveira artística dos Oliveira Bernardes é no entanto digno de registo sobretudo porque deve ter sido pintor original, isto é, criador dos próprios desenhos e não «copiador» de estampas como se tornou corrente na época da «grande produção».

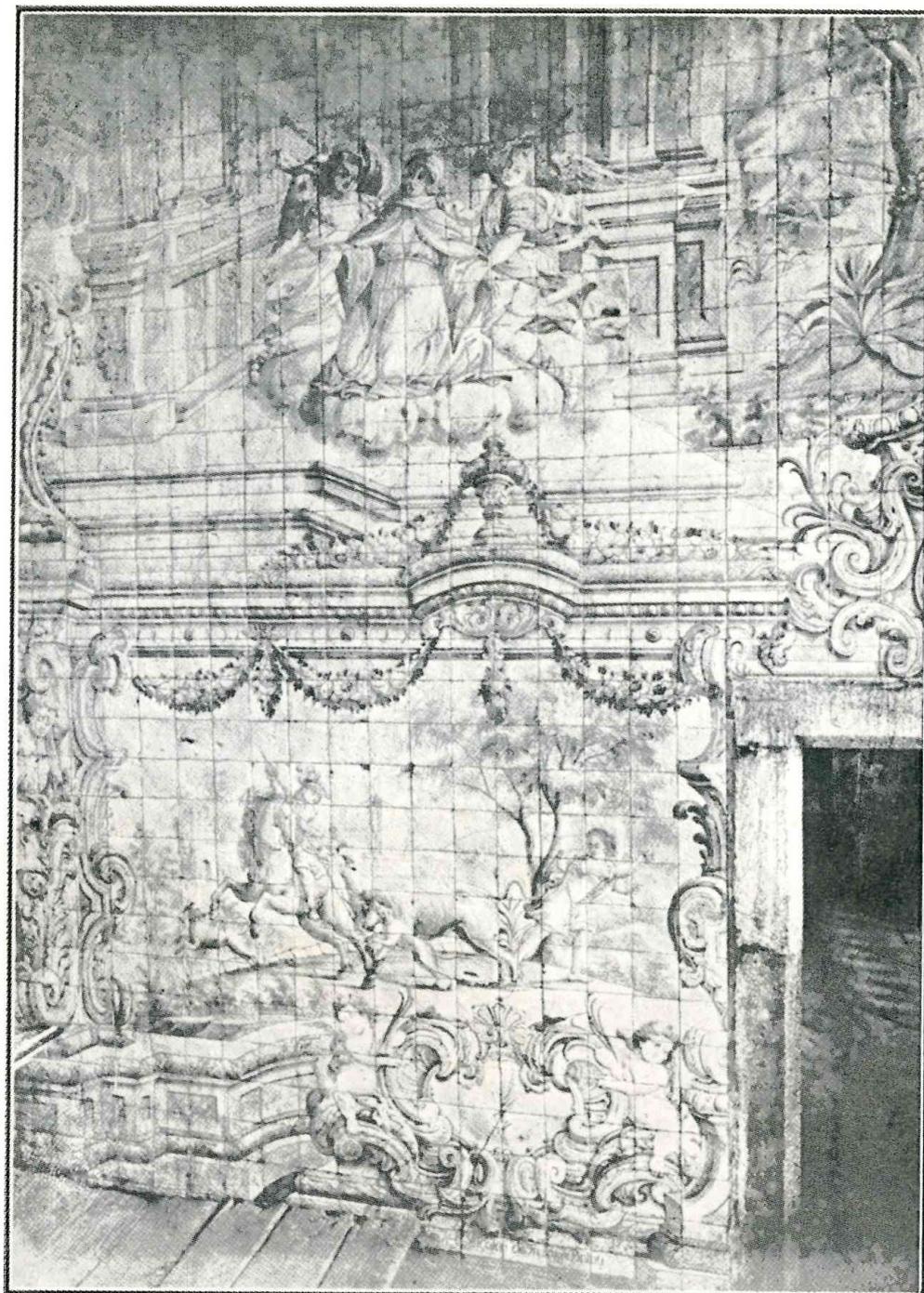
Desta forma a Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Terço de Barcelos abriga nada menos do que um notabilíssimo trabalho, datado de 1713 — sem dúvida da autoria de António de Oliveira Bernardes — e outro labor assinado, de autor ainda não identificado.

É provável que em Barcelos existam outros azulejos de importância, nomeadamente em alguma ou algumas das muitas casas senhoriais, em capelas privadas ou esparsas pelos arredores. Não me foi possível dispor de tempo bastante para uma investigação mais profunda agradecendo desde já todas as informações tendentes a completar este modestíssimo estudo.

A notabilíssima IGREJA que foi do CONVENTO DE VILAR DE FRADES, de Cónegos de São João Evangelista, vulgarmente conhe-

---

(1) A mesma assinatura se encontra em um belo painel iconográfico, actualmente na quinta do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Bobone, próximo de Castanheira do Ribatejo.



Micosab de Treilas a Pintou.

Fig. 3—IGREJA DE VILAR DE FRADES — CAPELA DAS ALMAS



cidos por Loios, por terem a sua casa-mãe a Santo Eloi, em Lisboa, oculta na escuridão das suas capelas laterais alguns revestimentos notáveis e como tais referidos na bibliografia da especialidade. Assim Joaquim de Vasconcelos (Cerâmica Portuguesa, II série, Porto, MDCCCLXXXIV) é o primeiro que se lhes refere com algum desenvolvimento seguindo-lhe na peugada José Queiroz (Cerâmica Portuguesa, Lisboa 1907) e, após, o monografista da Igreja, Cónego Aguiar Barreiros (A Igreja de Vilar de Frades . . . , Porto 1919).

No entanto o que hoje se vê na remoçada igreja não corresponde inteiramente ao que é descrito por Joaquim de Vasconcelos o qual menos-presou alguns exemplares notáveis, assinalando outros que já ali se não encontram.

Os mais antigos são os que se admiram nas capelas do lado do evangelho e em uma do lado oposto (capela de S. Bento), historiados, de pintura ingénua e que se me afigura ser dos princípios do século XVIII e, talvez, de produção portuense. São de um tipo bastante raro, já no que respeita à técnica da pintura e imperfeição do desenho mas ainda à ornamentação. Pretendem estes azulejos ilustrar os oragos das respectivas capelas tendo longos letreiros explicativos, de acentuado sabor popular, e que se tornaria fastidioso trasladar.

Mais recentes e também de melhor qualidade artística são os revestimentos respectivamente das capelas das Almas e de Nossa Senhora da Conceição, ambas do lado da epístola. Na primeira daquelas capelas a decoração cerâmica parietal é completa, cobrindo as paredes de ambos os lados. Do lado direito representa-se em grande painel de pintura azul a Morte de Santa Rita tendo na parte inferior formando alisar a legenda (Fig. 3) na parte inferior do alisar:

*Nicolau de Freitas, a Pintou.*

Na parede fronteira, a parte superior mostra o painel com o martírio de Santa Quitéria e no alisar uma caçada à raposa tendo na fiada inferior a inscrição:

*Bartholomeu Antunes afes em Lix<sup>a</sup> no anno de 1.7.3.6.*

Na capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição o forro azulejar é do mesmo género tendo dois painéis que mostram respectivamente as cenas da Nati-

vidade e a da Adoração dos Magos. Neste último painel está a inscrição (Fig. 4):

*Bartholomeu Antunes  
a fes em Lxa nas olarias  
no anno de 1742*

Todas estas legendas foram reveladas pela primeira vez por Joaquim de Vasconcellos (op. cit. p. 7) quem nos dá a notícia de outra referente a Joannes Ferreira Lima e datada de Braga 1764 a qual estaria na «primeira capella do mesmo lado vindo do cruzeiro». Na altura da minha visita já ali nada se encontrava . . .

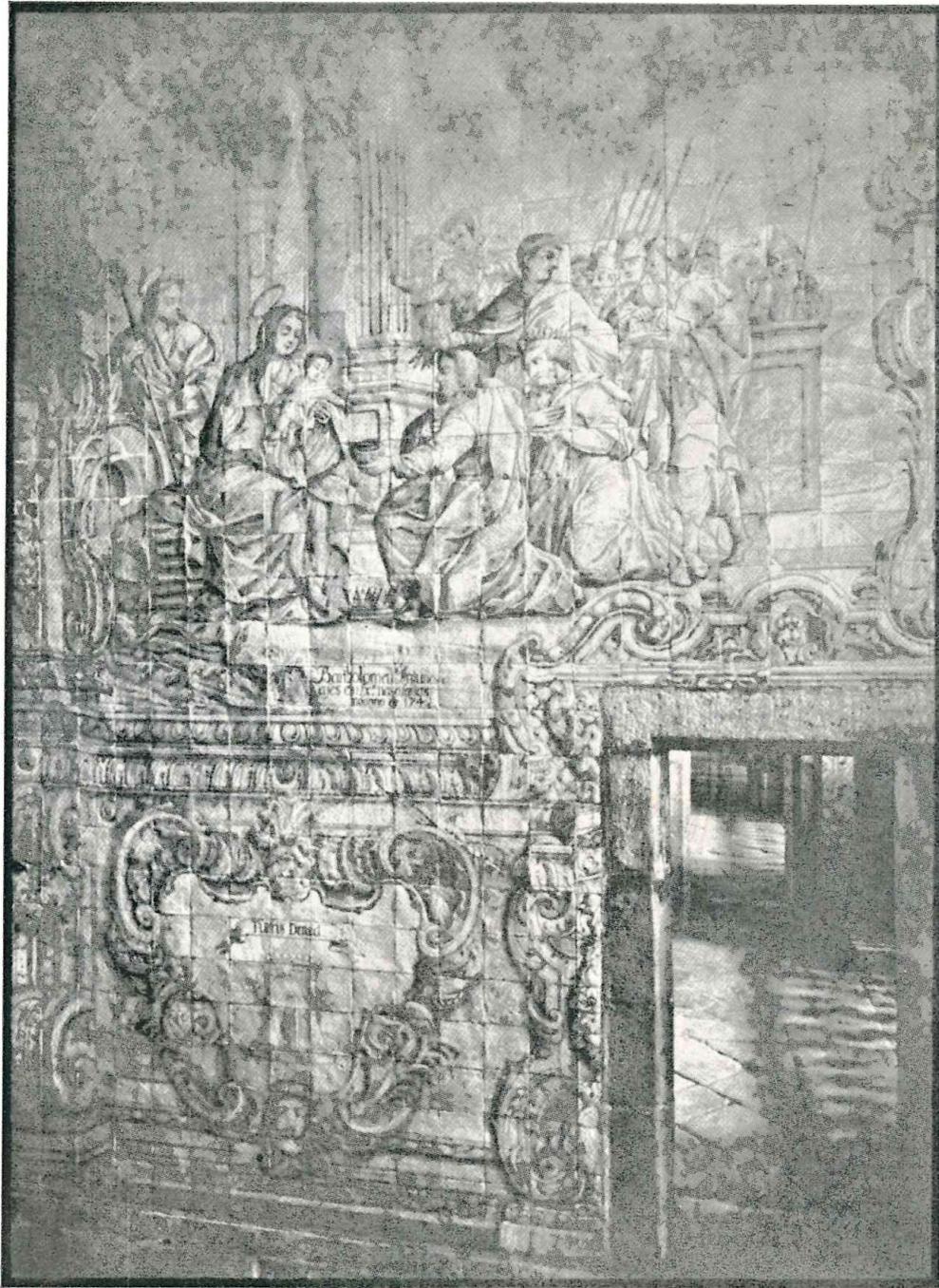
Os revestimentos azulejados das capelas das Almas e da Conceição, além do mérito artístico têm superlativo valor para o estudioso visto nos testemunharem o labor de dois artistas e indicarem as datas da factura.

Bartolomeu Antunes nasceu em Lisboa em 1688 e ignoro onde aprendeu a arte da pintura em barro. Julgo que terá sido dos discípulos de Oliveira Bernardes e foi, sem dúvida, o mais representativo pintor da época imediatamente a seguir à daquele Mestre. Assinou vários trabalhos, como os do Convento de S. Francisco, na Baía (datados de 1737) e conhecem-se documentalmente outros trabalhos seus. Trabalhou até 1753, ano em que morreu, e a ele podem ser atribuídos muitos e importantes trabalhos espalhados por todo o país, acusando uma perfeita comunhão estilística com os que se encontram assinados ou autenticados.

Nicolau de Freitas, também de Lisboa, nasceu em 1703. De 1720 a 24 foi discípulo de António de Oliveira Bernardes sendo inscrito na Irmandade de São Lucas em 1726 já como pintor. Associou-se depois a Bartolomeu Antunes e, em 1745 veio a casar com a filha mais velha deste — Joana Catarina Rosa. Ignoro a data da sua morte.

Do tempo em que foi sócio do futuro sogro são os painéis dos Loios de Vilar de Frades e, bem assim, os da Igreja dos Terceiros de S. Francisco, de Braga, igualmente assinados e datados de 1734.

Da parceria Antunes-Freitas são portanto os azulejos que nos estão ocupando e não é possível distinguir o trabalho de um ou outro, de tal forma se identificam. Como a própria legenda refere foram estes azulejos feitos «nas olarias, em Lisboa» (em 1736 e 1742 respectivamente), ou seja nalgumas das oficinas que davam o nome ao bairro então pertencente à



*Fig. 4* — IGREJA DE VILAR DE FRADES — CAPELA  
DE N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> DA CONCEIÇÃO



Freguesia dos Anjos e onde ainda hoje se conserva a tradição artesanal do azulejo, na Cerâmica «Viúva Lamego».

Quanto aos azulejos assinados por João Ferreira Lima, referidos por Joaquim de Vasconcellos, nada posso dizer: o autor é-me desconhecido. O facto de se dizer que foram feitos em 1764, leva-me a crer que não serão os que se encontram na capela de S. Bento, estes acusando época mais recuada. Por outro lado a menção de terem sido feitos em Braga pode explicar aquele aparente anacronismo visto não ter havido — que eu saiba — fabricação regular de azulejos e estes poderem ter sido copiados ou inspirados em modelos dos princípios do século XVIII; na verdade a azulejaria que encontrei na Cidade dos Arcebispos é na sua grande maioria oriunda de Lisboa e de tipos conhecidos, com excepção dos grandes revestimentos de S. Víctor, estes porém acusando uma feição estilística que os aparenta com as obras dos finais do século XVII ou princípios do XVIII.

Se os azulejos assinados Ferreira Lima ainda existem seria meritória a revelação do seu paradeiro pois podem conduzir ao conhecimento de uma actividade artística até agora ignorada.

Eis o que se me oferece sobre os azulejos de que tive conhecimento em Barcelos e seu termo; simples achegas para o conhecimento de uma parcela que não é das menos valiosas do património artístico dessa encantadora região.

*J. M. Santos Simões*  
*Da Acad. Nac. de Belas Artes*

Abril 1947  
Junho 1952  
Jan.º 1962



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS  
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO EM BAR-  
CELOS, EM SEPARATA DO N.º 3 DO BOLETIM DO  
GRUPO ALCAIDES DE FARIA QUE JOAQUIM SEL-  
LÉS PAES DE VILLAS-BOAS DIRIGE E FUNDOU.

biblioteca  
municipal  
barcelos



59939

Breves notas sobre alguns  
azulejos de Barcelos